

A PARÁBOLA DA SEMENTE E SUAS DUAS ALEGORIAS: Um anúncio subversivo

Joel Antônio Ferreira*

Introdução: os desdobramentos alegóricos da parábola da semente (Mc 4,26-28)

Jesus era do interior, de uma aldeia da Galiléia, chamada Nazaré. O Evangelho de Marcos o apresenta como muito próximo aos seus. Sua figura chamou a atenção. Sua liderança e mística aglutinavam a vizinhança. O grupo de Marcos, quando escreve pelos anos 70 dC, diz que ele era saudado como *Rabbi* (9,5; 10,51). Se o era, tinha que debater o significado da Lei, pois afinal, na Galiléia, junto a tantos estrangeiros, havia ainda uma significativa presença de judeus. Ele, pelas narrativas (Quelle, Marcos, Mateus e Lucas), conhecia os modos de argumentar, características do pensamento semita (comparações, provérbios, parábolas). Sim. Ele falava também em parábolas¹.

Para compreender o valor delas é necessário estar atento para a situação sóciopolítica da Galiléia. Do lado de Israel, embora a Galiléia não estivesse tão distante de Judá, porém os meios de comunicação eram precários, havia certa presença da mentalidade da religião ligada ao Templo. Que importância tinha o templo de Jerusalém para o povo galileu? Ainda não está muito claro qual teria sido o caráter desta relação. A proximidade geográfica não desempenhava papel determinante, ao ver de Vaage². Conforme ele, os samaritanos que viviam bem mais próximos a Jerusalém não viam nada de importante no templo. Porém, Saldarini afirma que a partir de uma perspectiva sociológica e antes da primeira guerra judaica em 66-70 dC, na Galiléia, os fariseus eram intermediários do Templo em Jerusalém e sua principal atividade era cobrar os impostos que o Templo esperava receber do povo crente “judeu”. Pois, para ele, não se devem imaginar os fariseus como se já fossem “rabinos” no estilo dos líderes que surgiram do judaísmo palestino pós-guerra³. Ainda não eram os fariseus, antes da guerra, os representantes do judaísmo. Por esse tempo, quando muito, os fariseus eram um grupo a mais entre os vários que procuravam promover e impor sua visão particular do povo de Israel.

Sobre a “sinagoga” na Galiléia, conforme Kee, antes da destruição do Templo de Jerusalém, não se sabe quase nada. No que se refere ao edifício, a “sinagoga” foi, nesse período na Galiléia, simplesmente o que a palavra quer dizer: um local para qualquer assembléia geral. Ela não era uma estrutura definida no tempo de Jesus, mas um grupo de

* Doutor em Ciências da Religião com área de concentração em Bíblia, pela UMESP. É professor titular da Universidade Católica de Góias.

1. DUPONT, J. *O Método das Parábolas de Jesus Hoje*. S. Paulo: Paulinas, 1985. Em toda a obra, o autor nos ajuda na compreensão do gênero literário “parábolas”. Também é interessante ver: DUPONT, J. *Por que Parábolas? O Método parabolítico de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1980, p. 37ss.

2. VAAGE, L.E. O cristianismo Galileu e o Evangelho Radical de Q. *RIBLA*, Petrópolis: Vozes, n. 22, 1995, p. 86-87.

3. SALDARINI, A.J. *Fariseus, Escribas e Saduceus na Sociedade Palestinese*. S. Paulo: Paulinas, 2005, p. 287s.

peessoas que usavam as residências particulares ou os salões públicos pequenos para orar e ler as Escrituras. Jesus juntava-se com uma variedade ampla de pessoas, inclusive gentios e funcionários romanos, pois a sociedade aí era heterogênea⁴. Para Kee, falava-se o grego e o aramaico, por isso, o pano de fundo cultural dos evangelhos era bilíngüe.

Desde já, é preciso apontar para o lado anunciante e denunciante das parábolas. Pelo que foi apresentado, com relação ao mundo religioso judaico, as parábolas vão ser um contínuo questionamento ao modo de interpretar a Lei e de apresentá-la, na prática, ao povo simples. Também, mais tarde, quando as parábolas forem reinterpretadas para cristãos do universo greco-romano, elas terão, com roupagem de alegorias, isto é, comparações continuadas, também esse caráter profético que denunciará o sistema tributário e escravagista do Império Romano.

A parábola da semente (Mc 4,26-28) e suas duas alegorizações (Mc 4,3-9 e 4,13-20) trazem, ao leitor, a riqueza desses dois gêneros literários. De fato, a “parábola” contada no ambiente galileu-palestinese e as “alegorias” atualizadas no mundo greco-romano, as três propõem, nas suas respectivas contextualizações, o anúncio do Reino de Deus com roupagens diferentes.

Como se deu o desenvolvimento do estudo da parábola e alegoria?

Jülicher foi quem primeiro chamou a atenção de que o gênero literário “parábola” tinha raízes semitas⁵. Nessa originalidade, ele chamava a atenção para que se interpretasse a parábola como parábola e, jamais, como alegoria. É necessário, portanto, estudá-la com sua originalidade semita.

O momento posterior foi dado por Dodd⁶. Ele deu um passo importante ao defender que o estudo das parábolas deveria ser feito contextualizando-as no ambiente histórico de Jesus da Galiléia. Será preciso, segundo ele, compreendê-las no contexto social, econômico, político e religioso do tempo do ministério público de Jesus. Aí se perceberá a força da proclamação do evangelho baseada no anúncio do Reino de Deus.

Por fim, o passo de J. Jeremias que, seguindo as pegadas anteriores, elabora um estudo meticoloso sobre a interpretação das parábolas⁷. Ao relê-las no contexto histórico de Jesus e intuir suas mentalidades semítico-aramaicas, Jeremias as classifica com diversos tipos literários. Ele compreendeu a história literária das parábolas e, com isso, pode perceber o dinamismo interno das comunidades bem primitivas do tempo de Jesus e sua evolução nos cristianismos originários.

A partir de seus estudos, entendeu-se que a parábola é um gênero literário semita. Ela surge do *Mâshâl*, uma comparação bem elaborada que leva ao exercício da refle-

4. KEE, H. Clark. Early Christianity in the Galilee: Reassessing the Evidence from the Gospels. *The Galilee in Late Antiquity*. N. York/Jerusalém: the Jewish Theological Seminary of América, 1992, p. 3-32.

5. JÜLICHER, A. *Die Gleichnisreden Jesu*. 2 vols. Tübingen: Mohr Siebeck, 1910. Especialmente, o 1º vol. investiga a diferença entre parábola e alegoria, mostrando que é preciso compreender a parábola como parábola, e a dificuldade que se tem de apreender a sua originalidade semita.

6. DODD, C.H. *The Parables of the Kingdom*. N. York: Charles Scribner's, 1961. Este exegeta inglês, de certo modo, antecipa as futuras leituras sociológicas do Novo Testamento, pelo Modelo Conflitual.

7. JEREMIAS, J. *As Parábolas de Jesus*. S. Paulo: Paulinas, 1976, p. 10-11 e 28-46.

xão. Pode-se dizer que a parábola tem vários significados: comparação (Mc 3,23), símbolos (Mc 13,28), enigma (Mc 7,17), regra (Lc 14,7). Ela é uma comparação com três elementos e uma idéia só. O exemplo da parábola da semente (Mc 4,26-29) ajuda na compreensão:

- a) A coisa que se compara (= o Reino de Deus)
- b) A coisa com que se compara (= semente)
- c) O foco da comparação (ambos frutificam por si mesmo)

É no “foco da comparação” que se vê a força da parábola que leva à reflexão e à decisão. Este foco é a surpresa, é a novidade⁸. No fundo, Jesus, ao contar as parábolas, estava provocando os ouvintes para compreenderem uma única realidade: a novidade do Reino de Deus. Nessa proclamação, muitas vezes, há uma crítica às classes dominantes. Como a semente, no futuro, deu frutos, o Reino de Deus também dará, apesar dos obstáculos.

No ambiente galileu-palestinense era fácil compreender essas comparações, porque havia uma tradição e uma prática em torno desse gênero literário. Todavia, quando as experiências cristãs foram se abrindo a outros povos, as parábolas não foram entendidas como na Galiléia. No mundo estrangeiro houve a necessidade de explicá-las ou interpretá-las. As parábolas se transformaram em “alegorias”, ou seja, eram as atualizações delas no mundo greco-romano. As alegorias se tornaram comparações continuadas.

A meu ver, nas origens, Jesus deve ter contado a parábola pura de Mc 4,26-28. As tradições marcanas, possivelmente, conheceram duas atualizações desta parábola original: Mc 4,3-9 (a parábola do semeador 1) seria uma primeira alegorização mais simples que narra quatro locais onde caíram as sementes. E Mc 3,14-20 (a alegoria do semeador 2) seria a 2ª alegorização para um ambiente bem mais tenso. O texto que será apresentado agora parece estar na origem da história.

1. O camponês Galileu numa sociedade em conflitos

Se as parábolas são comparações feitas a partir da situação vital do povo e se a realidade maior da Galiléia é a vida da gente do campo, é necessário procurar o modo como viviam aqueles agricultores e pastores com suas famílias.

1.1. A ótica de Roma

Os modos de produção variavam entre o tributário e o escravagista.

Para se compreender o modo de produção escravagista é preciso olhar, como pano de fundo, o imenso Império Romano. A principal característica da assimetria social residia no fato de que o trabalhador (também o camponês e o agricultor galileu) faz parte dos meios de produção⁹. Esse modo de condução administrativa foi se ampli-

8. ANDERSON, A.F.; GORGULHO, G. *Parábolas: a Palavra que Liberta*. S. Paulo: s/e, 1989, p. 13.

9. HOUTART, F. *Religião e Modos de Produção Pré-Capitalistas*. S. Paulo: Paulinas, 1982, p. 21.

ando quando o produto do trabalho escravo passou a entrar no circuito dos intercâmbios mercantis. O crescimento da demanda implicou no aumento da produção e, por conseguinte, da força de trabalho, que se tornou desse modo, objeto de intercâmbio mercantil.

A Galiléia estava sujeita a Roma. As porções de terra que não passaram a ser propriedade de cidadãos romanos foram agregadas ao patrimônio particular do Império. Quer dizer, da Galiléia também deveria sair uma interessante parte do produto final do trabalho para ajudar a manter os astronômicos gastos do Império. Roma conheceu três fases políticas: a Roma dos reis, a Roma da República (apogeu do escravagismo) e a Roma do Império. Quando o Evangelho de Marcos foi elaborado, o tempo da Roma da República está exercendo, contundentemente, o momento forte da escravatura. Com o desenvolvimento urbano, a mentalidade militar expansionista que vinha dos reis etruscos foi continuada pelas classes dirigentes da República¹⁰. Cria-se a mentalidade imperalista e aí se sucedem guerras ininterruptas por todo o Império. A princípio, as relações das novas colônias com o centro decisório eram em nível tributário. As colônias tinham de fornecer um tributo e absorver os excedentes acumulados pelos romanos sob a forma de intercâmbios comerciais, tornando-se, nesse tempo, uma economia monetária.

Como foi a expansão da escravatura?

a) A organização e o poderio do exército: com a expansão, exigiu-se o recrutamento cada vez maior das forças produtivas, cujos serviços eram retribuídos conforme a sua categoria. Os capitais acumulados pelos militares eram convertidos em terras. Estas quando eram conquistadas, porém não exploradas, passavam a ser propriedades do Estado romano (*ager publicus*), que as vendia quase sempre aos militares superiores que foram se tornando grandes proprietários agrícolas¹¹. A extensão das regiões exploradas, unida à diminuição das forças produtivas locais, provocou a exigência de mão-de-obra.

b) Essa mão-de-obra foi fornecida pelos prisioneiros de guerra deportados para toda a península itálica; os prisioneiros eram vendidos aos proprietários de terras, ou então, tornaram-se empregados nas grandes obras de infra-estrutura: construção de aquedutos, estradas, templos etc.

c) Os prisioneiros não cobriram a necessidade de mão-de-obra escrava (mortalidade alta, posse de escravos ou os excedentes acumulados tinham bem poucas possibilidades de investimento fora dos gastos supérfluos). Com isso, surgiu o desenvolvimento do comércio de escravos. Provocou o aparecimento de grupos mercantes especializados na Ásia Menor e Norte da África. Porém, a grande presença escrava estava na zona rural.

A grande maioria da população, no Império Romano, é colocada numa situação de subordinação. É despojada do controle sobre o uso e a distribuição da própria força de trabalho, vendo-se forçada a trabalhar sob o controle de outros a fim de obter os bens necessários para sua sobrevivência. Essa maioria perde também o controle sobre

10. *Ibid.*, p. 70.

11. GIORDANI, M.C. *História de Roma*. Petrópolis: Vozes, 1981, p. 191-192.

a partilha dos bens necessários para sua sobrevivência e, em momentos extraordinários, é incapacitada de sobreviver.

A sociedade se estrutura, agudamente, em dominadores e dominados. Uma minoria decide os destinos da maioria porque possui os meios de produção dos bens necessários para a sobrevivência. Os interesses são contrapostos. Ao mesmo tempo, a minoria dominante, proprietária dos principais meios de produção, tenta manter uma organização assimétrica da produção (dominando e aumentando o seu poder), a maioria dominada, expropriada dos principais meios de produção, tenta diminuir a assimetria (reduzir o poder dos dominantes), pois o seu interesse é não continuar dominada¹². É assim que se pode compreender a reação armada, por exemplo, dos zelotas, antigos camponeses, ou pastores ou pescadores da Galiléia.

1.2 A ótica palestinese

Não se tem, pelo menos na literatura do 1º século da nossa era, nenhuma informação organizada sobre a situação socioeconômica da Galiléia. Os estudos de Jülicher, Dodd, Jeremias, Dupont, Dri partem de imagens provindas dos gêneros literários “parábolas” e “alegorias” e outras formas literárias que deixam entrever a situação real dos pastores, pescadores e camponeses galileus. Eles foram ordenando essas imagens e, daí, garimpando retratos que ajudaram a ter uma visualização da organização da sociedade. Olhando as oitenta e três parábolas e alegorias escritas nos sinóticos, o leitor pode ir percebendo, no universo da Palestina, várias dimensões sociológicas que revelam a práxis daquela gente do 1º século de nossa era.

Se a produção e o comércio eram controlados pelo sistema escravagista romano e pelo Templo de Jerusalém, os “grupos sociais” vão se definindo pelas suas ligações com eles. Lá na Palestina o Templo manipulava as relações sociais e familiares, os costumes, as festas, enfim, as comemorações comunitárias, através de normas, estatutos e proibições, frutos da interpretação da Lei mosaica. Algumas leis como a da circuncisão e a lei do puro e do impuro eram o controle ideológico onde se expressavam as relações sociais. Isso criou uma sociedade fortemente assimétrica levando os pobres e legiões de marginalizados para a base da pirâmide.

A opção de Jesus foi definida em favor destes (Mt 5,1-12; Lc 4,18-19), proclamando o Reino de Deus (Mc 1,15). Na sua opção fundamental, ele foi mostrando e denunciando a profunda divisão de classes (Lc 6,20-26).

Olhando pela leitura sociológica pelo modelo conflitual, podem-se detectar tantos tipos de trabalhadores tais como: funcionários (cobradores de impostos, ladrão, mercenário, centurião, porteiro, pastor, sacerdotes, levitas, servos bons e infieis, juiz, administrador do trabalho), administrador da vinha, assalariados, escravos, endividados; pessoas importantes na vida pública (juiz, sacerdotes, levitas, patriarca, bom pastor, estrangeiro, publicanos, fariseus, rei, pai de família).

12. MADURO, O. *Religião e Luta de Classes*. Petrópolis: Vozes, 1983, p. 78-81.

Na dimensão “econômica” é necessário olhar para o Templo de Jerusalém. Referir-se a ele significava pensar no centro religioso e comunitário de Israel. Ele era a expressão secular da experiência de fé daquele povo. No entanto, com o tempo, ele foi se tornando motivo de contradição e de vergonha para os fiéis israelitas. Foi absorvendo a mentalidade acumuladora da produção e o hábito do comércio e da troca. Ele passou a ser também a coluna mestra que falava a linguagem do sistema escravagista romano na Palestina. Assim, pelo Templo de Jerusalém, o judaísmo se articulava no sistema tributarista. O sistema de produção no seu valor de uso e de troca girava em torno dele. Daí se compreende o fato de Jesus ter sido perseguido pelas autoridades ligadas ao Templo. Este também vai sentenciar a sua morte (Mc 11,17; 14,58; Lc 19,45-48; Jo 2,13-22). Aqui é preciso investigar quem produzia, como era feita a produção, e para quem esta produção era destinada.

Muitas parábolas e alegorias, com evidência ou nas entrelinhas, com imagens interessantes, apontam as “divisões do trabalho”: as parábolas da sementeira, do pastor, a roça dos vinhateiros; o trabalho agrícola (joio, trigo, terra, arado, vinha, figueira, plantio); o trabalho “pastoril” (mercenário, ovelhas, pastor, rebanho); o trabalho da “pesca” (a grande pesca, o peixe para o imposto, peixes, rede, barcas); a “dívida” (impostos, administrador infiel, a dívida impagável); “circulação de mercadoria” (dracma, talentos, salário, compra de óleo, azeite, silo, rico e pobre).

Se olharmos pela janela do “político”, podemos ver como os galileus sofreram com o sistema que vinha do sul (Judá), implantado pelo Templo, a partir da Lei do “puro e impuro”. É preciso ter diante dos olhos, na perspectiva *política*, a clareza do controle dos poderes. Numa macrovisão é necessário recordar que quem dominava o mundo ocidental era o Império Romano. Ali na Palestina, o controle do poder era exercido, quase sempre em conivência com Roma, pelos saduceus (força sacerdotal e latifundiária) e as articulações políticas com os escribas, herodianos, e, por vezes, com os fariseus. Não se pode esquecer, em nível político, de outros grupos religiosos e políticos como os essênios, os zelotas e o banditismo. É nesta ótica que se entende, nos quatro evangelhos, o contexto dos conflitos de Jesus e seus grupos. Jesus questiona os poderes, denuncia as injustiças da Lei, critica o velho sistema e proclama a Nova Aliança, agora constituída de judeus e pagãos. O poder é relativizado e a nova proposta se baseará no serviço. Nesta dimensão é interessante perguntar quem exercia o poder no Império e em Israel e se este era exercido na base da justiça¹³.

Muitas parábolas e alegorias espelham esse conflito com a mentalidade do “puro e impuro”: joio e trigo, rico avarento, vinhateiros maus, fariseu e publicano, Lázaro e o rico, os dois devedores, o bom samaritano, o administrador desonesto. Outras narrativas retratam o poder das autoridades ligadas ao Templo como a ovelha perdida, o bom patrão, os dois irmãos (filho pródigo).

13. TOSAR, C. “A Leitura da Bíblia com o Povo Trabalhador”, *Estudos Bíblicos*, Petrópolis: Vozes, n. 2, 1984, p. 71-74.

2. A parábola da semente e o ambiente galileu-palestinense: a prática de Jesus no ambiente agrário

Seguindo o esquema de Anderson e Gorgulho¹⁴, percebe-se a boa elaboração do texto (4,26-28). A parábola apresenta a ação de semear, enfatizando o papel da semente e da terra. Mostra o contraste (dorme e acorda de noite e de dia,... sem que saiba como,... por si mesma produz...). A parábola é dividida em três colunas. Ei-las:

	A. semente	B. contraste	C. o Reino de Deus
v. 26			O Reino de Deus é como um homem que
	lançou a semente na terra.		
v. 27		ele dorme e acorda de dia e de noite,	
	a semente	sem que ele saiba como!	germina e cresce
v. 28	A terra	por si mesma	produz fruto: primeiro, a erva, depois a espiga. E, por fim, a espiga <i>cheia de grãos</i>

Aí está o esquema típico de uma parábola genuína galileu-palestinense. A comparação é simples e clara: há um semeador tranqüilo que aguarda, pacientemente, a colheita. São comparadas a vinda do Reino de Deus e a colheita. Não há a necessidade de o semeador ficar olhando ou usando técnicas. Ele “dorme e acorda de dia e de noite”. Porém, a semente, “sem que ele saiba”, vai germinando e crescendo. A postura cômoda do semeador se contrasta com a atividade dinâmica da semente. O resultado será a colheita “cheia de grãos”. Assim acontece com o Reino de Deus. Tem processo, tem etapas e prazos, tem crescimento. Vai acontecendo. Produz fruto no tempo certo. Mas ninguém sabe explicar a sua força misteriosa. Ninguém é dono do Reino. Só Deus¹⁵.

Para Marcos, na 1ª parte do seu Evangelho (1,14–8,26) é vital responder “quem é Jesus?” Ele relata a prática de Jesus, deixando que o leitor vá percebendo, por si mesmo, que “Jesus é o Messias (8,29), o Filho de Deus (1,1; 14,61; 15,39)”. É preciso que o leitor perceba o significado da atividade de Jesus. Ele é o Messias que chegou, porém, não na mentalidade judaico-davidita. A idéia do Messias de Marcos se choca com a espera de um messias dominador, típica dos grupos dominadores de Israel. Estes esperavam, na linha de Davi, um Messias que fosse um mandatário triunfante que libertaria Israel do Império Romano, instalando os estupendos reinados de Davi (2Sm

14. ANDERSON, A.; GORGULHO, G. *op.cit.*, p. 59.

15. MESTERS, C.; LOPES, M. *Caminhando com Jesus: círculos bíblicos do Evangelho de Marcos*. S. Leopoldo: CEBI, 2003, p. 73.

7,1-14) e Salomão. Seria um Messias que ratificaria o esquema do poderio dominador, típico da ideologia religiosa do Templo de Jerusalém.

O Messias de Marcos é diferente. A atividade de Jesus confronta-se com a espera das classes altas de Israel. A sua prática é a proclamação e a concretização do Reino de Deus (Mc 1,15)¹⁶. A mentalidade tributário-escravagista deu lugar ao anúncio da partilha. A dominação é substituída pelo serviço comunitário. A acomodação deu lugar à consciência crítica. Marcos vai apresentando um Jesus que propunha um sistema simétrico comunitário, baseado na fraternidade.

Comungo com Lopes na compreensão do contexto socioeconômico da parábola da semente: os camponeses e agricultores estão em risco de se empobrecerem mais ainda. A parábola retrata a preocupação da subsistência. As cargas tributárias eram sugadas pelas classes governantes estrangeiras e nativas, pelo Templo e grandes proprietários. O que ficava para pequeníssimos proprietários era o mínimo da quantidade de produção. Se viesse uma seca forte ou uma praga destruidora, esses camponeses, inevitavelmente, ficavam endividados para sobreviverem. Ou então, perdiam suas pequeninas propriedades, tornando-se arrendatários ou marginais sociais¹⁷.

E os privilegiados nessa história toda? A partir de Jerusalém e do Templo, eles se sentiam incomodados, juntamente às autoridades. Elaboram um conluio para eliminar Jesus. Isso culmina na prisão, tortura e assassinato de Jesus. No entanto, o Evangelho afirma que ele não permaneceu morto. Ressuscitou e, com isso, condenou o sistema que o eliminou.

Entendendo esse contexto conflitual, compreende-se a parábola da semente. Por ela, podem-se perceber muitos ângulos da missão de Jesus. Nessa missão, ele proclama o Reino de Deus como transformador. Uma vez iniciada, como a semente plantada, a ação de Jesus cresce e produz fruto, de um modo misterioso (4,11).

Se, do lado das autoridades, a tendência era eliminar Jesus, na Galiléia ele vivia ao lado de pequenos camponeses e de camadas pobres que iam perdendo o pouco que tinham. Dentre esses, organizaram-se grupos armados de oposição aos romanos: os sicários e, um pouco mais organizados, os zelotas. Estes, ao que parece, foram dissidentes dos fariseus, que tinham uma postura pacífica diante dos romanos. Ao contrário, os zelotas, que eram religiosos e nacionalistas, eram armados e reformistas. A grande meta era expulsar os dominadores romanos e seus apaniguados, como os herodianos que controlavam a Galiléia. A ideologia dos zelotas era de uma teocracia onde Deus era o rei que deveria ter um messias descendente de Davi. Na verdade, aos olhos deles, queriam o restabelecimento de uma situação passada. Como grupos armados, eram considerados perigosos e terroristas pelos romanos. Foram perseguidos. Parece que dentro do grupo de Jesus, pelo menos, Simão (Mc 3,19) e Judas Iscariotes foram zelotas. Pedro também andava armado.

16. JEREMIAS, J. *Teologia do Novo Testamento*. S. Paulo: Paulinas, 1977, p. 219ss.

17. LÓPEZ, Ediberto. As origens do cristianismo e o evangelho de Tomé. *RIBLA*. Petrópolis: Vozes, n. 22, 1995, p. 151-152.

Os camponeses, os pastores, os pescadores e os pobres da Galiléia, provavelmente, tinham dificuldades em entender o anúncio do Reino de Deus e, possivelmente, tinham sérias dúvidas sobre a proclamação de Jesus e a realidade opressora judaico-romana. O Reino de Deus, apresentado por Jesus, purificaria o Templo e expulsaria os romanos? A parábola da semente e, mais tarde, as alegorias da semente queriam responder a essas dúvidas.

A comparação apresenta aspectos da missão de Jesus. A prática de Jesus (experiência da partilha, serviço comunitário, criação de consciência crítica que amadureça a fé, construção do espírito da fraternidade que derruba as assimetrias) inicia o surgimento do Reino de Deus. É como a semente que dará, no final, grãos em abundância. Também o Reino chegará à consumação, querendo ou não os adversários. Com Jesus e sua práxis, o Reino chegou. Há a garantia de que ele se realizará: é de Deus. Não se consegue entender com os critérios humanos. É um mistério (4,11). A parábola da semente mostra que a práxis de Jesus é libertadora. Inicia o novo que chegará ao ápice, porque é promessa de Jesus. Como a semente se tornou uma espiga cheia de grãos, assim será a consumação do Reino.

3. A primeira alegoria da semente (Mc 4,3-9): repensar a prática de Jesus entre o campo e a cidade

A parábola da semente, agora alegoria do “semeador”, contada em ambiente palestinese, possivelmente, pelo próprio Jesus, tornou-se alegoria contada pelas igrejas primitivas, em ambientes greco-romanos. Na nova missão ao mundo os(as) evangelizadores(as) precisavam se inculturar e, com isso, alegorizavam as parábolas. Nessa primeira alegoria usa-se a linguagem da experiência do trabalho do agricultor. As sementes são lançadas em uma roça grande e, por isso, com qualidade de terra diferente e variada. Passa-se o arado que move as sementes e a terra. O contacto do semeador com a terra só terminará com a colheita. Portanto, era necessário acrescentar os diversos terrenos (beira do caminho, terrenos pedregosos, moitas de espinhos) para se chegar ao fértil (terra boa), por causa do público estrangeiro que lia ou ouvia a parábola. Essa primeira alegoria, provavelmente, seria bem entendida em boa parte do mundo grego, onde a economia agrícola era muito forte ainda.

Em momentos de críticas sobre a atividade e missão de Jesus, as parábolas foram re-anunciadas e/ou modificadas. Por isso, a comparação com o camponês semeador, que, pacientemente, aguarda, sem desanimar, a colheita. Apesar do aparente insucesso e das adversidades, Deus fará surgir de Jesus o mundo novo esperado¹⁸.

Esse texto se encontra também em Mateus (Mt 13,3b-9) e em Lucas (Lc 8,5-8). Outra literatura da época, o evangelho de Tomé, apresenta uma versão independente desse texto¹⁹. A estrutura comum a Marcos e ao evangelho de Tomé está composta assim, conforme López²⁰:

18. BORNKAMM, G. *Jesus de Nazaré*. Petrópolis: Vozes, 1976, p. 60ss.

19. Eis o texto de Tomé, citado por E. López, p. 147: “*Jesus disse: eis que saiu o semeador, encheu sua mão e semeou [as sementes]. Algumas caíram no caminho. Vieram os pássaros e as bicaram. Outras caíram sobre pedra e não criaram raízes na terra nem levantaram espiga para o céu. Outras caíram entre espinhos. Estes sufocaram a semente e o verme as comeu. Outras caíram em terra boa e deram fruto excelente ao céu: sessenta e cento e vinte por medida*”.

20. LÓPEZ, E., *op. cit.*, p. 147.

- 1) Três sementeiras que fracassam:
 - a) a sementeira no caminho;
 - b) a sementeira sobre o terreno pedregoso;
 - c) a sementeira entre espinhos;
- 2) uma sementeira que dá fruto triplice: a sementeira na terra boa.

Ao ver de López,

“parece que a estrutura poética requer que se contraste o triplo fracasso da sementeira com a produção tripla da semente na terra boa. Por isso, parece que Marcos nos apresenta uma conclusão da parábola que é coerente com esta estrutura de três membros. Assim como se perdeu a semente no caminho, no terreno pedregoso e entre os espinhos, o terreno bom deu fruto trimembre, isto é, a trinta, a sessenta e a cem. No entanto, o Evangelho de Tomé nos mostra que no nível mais antigo da tradição sobre esta parábola, esta não era uma alegoria sobre distintos terrenos e sua resposta à semente. A parábola era uma história agrária completa em si mesma”²¹.

Esta primeira alegoria do semeador quer apresentar uma idéia só: a colheita será irresistível. Porém, ao atualizar ao mundo não semita, Marcos e Tomé tiveram que responder às suspeitas e dúvidas para a compreensão do Reino. A força da alegoria está na quarta semente que impressiona e faz refletir. Porém, os ouvintes e leitores terão que analisar as três sementes anteriores. Elas fracassaram. Três quartos da sementeira decepcionaram. Tomé e Marcos chamam a atenção para os obstáculos, os insucessos e as oposições. A reflexão deveria ser: apesar das adversidades de todo o tipo, a colheita acontecerá. Então, os ouvintes precisarão ligar-se à práxis de Jesus e compreender que o Reino surgirá, apesar dos obstáculos. A afirmação final se torna alvissareira: Jesus, com sua prática, trará o Reino.

4. A segunda alegoria da semente (Mc 4,14-20): repensar a prática de Jesus na grande cidade

Na minha compreensão, a segunda alegoria da semente que se tornou “do semeador” deve ter sido reatualizada em um ambiente mais conflitual que a primeira alegoria. Eu não teria dificuldades em ver este texto sendo contado e meditado no centro das tensões mundiais, exatamente Roma. Aliás, somos muitos os que acham que a redação final de Marcos teria sido na capital do Império.

Da genuína parábola da semente (4,26-28) que apresentava uma só idéia, Marcos fez os seus novos grupos conhecerem uma primeira adaptação colocando três obstáculos e a realização da colheita (4,3-8), para, em seguida, nesta segunda alegoria (4,14-20), mostrar como se faz uma reinterpretação inculturada num ambiente adverso como o greco-romano. Quero dizer, possivelmente, que a primeira alegoria, mais

21. *Ibid.*, p. 147.

uma vez, ainda não era compreendida por outros leitores ou ouvintes. Parece que esses novos destinatários viviam em tensões muito mais agudas que os da primeira alegoria. Aí vão se apontar tantos obstáculos e perseguições, que Marcos não teve dúvidas em mudar todo o estilo original da parábola da semente. O que ele fez? Para a antiga parábola ser compreendida, ela se transformou na segunda alegoria das sementes, com explicações e atualizações detalhadas (as “sementes” se transformam em “palavra”). Quer dizer, da parábola inicial da semente surgiram duas alegorias, provavelmente, de ambientes e culturas diferentes recolhidas pelo redator final de Marcos. Uma coisa é clara: os novos ambientes respiram muita tensão e conflitos. A parábola, que tinha uma só idéia, passa agora, neste 2º estágio alegórico, para comparações contínuas a fim de insistir na fecundidade da semente e os diversos tipos de terrenos nos quais cada semente germina. Como “semente” parece ser vaga para um público de grande cidade (Antioquia? Roma?), é preciso mudar para “palavra”. Aqui germina uma nova teologia: da Palavra de Deus e da conversão.

Se esta perícopé está sendo proclamada na *polis* (cidade), os ouvintes terão dificuldades em compreender a primeira alegoria da semente, que era do ambiente do campo (*chora*). Não é o universo rural o deles. Como fazer? A solução é mudar a “semente” para “palavra”. E a significação primeira que era o anúncio do Reino, agora se adapta e a idéia é de que se semeia a “Palavra de Deus”. Esta tem uma grande força. Começam, então, as comparações continuadas, típicas das alegorias. Quer dizer que Marcos se esqueceu do advento do Reino? Não. A saída, a meu ver, é assim: Jesus queria dizer que o Reino de Deus vem e se inicia com a Palavra eficaz recebida na fé comunitária.

Como é a explicação da parábola da semente? Num primeiro momento, dá maior destaque ao aspecto da disposição subjetiva dos ouvintes do que à força da Palavra de Deus. No final, mostra que o grupo aceita a Palavra de Deus e produz frutos.

Esta alegoria era um aviso, não aos conterrâneos de Jesus (isso já foi feito na parábola da semente), porém aos cristãos dos cristianismos originários que estavam nas grandes cidades. A orientação tinha o objetivo de animar os pregadores da Palavra, em todos os meios e ambientes, com os seus obstáculos e resistências. Irão trabalhar muito, e a maior parte de sua pregação não surtirá efeito.

É interessante olhar o aspecto literário para se ver como Marcos fez a adaptação no mundo da *polis* (cidade). Por oito vezes, usa o termo “palavra” (*logos*), possivelmente, querendo dar importância ao dom gratuito da palavra que é dada a todos, sem distinção. Por sete vezes, aparece o verbo “semear” (*spéirein*). Às quatro categorias de terreno correspondem quatro modos de “escutar” (*akoûein*), isto é, a disponibilidade de acolher ou abandoná-la.

O “escutar” pode ser comprometido por Satanás que a retira impedindo que ela chegue aos destinatários. Esta escuta pode ser superficial: depois de uma acolhida entusiasmada, encontra a pedra da resistência humana e, diante da “tribulação” e “perse-

guição” que vêm, por causa da pregação da Palavra, deixam-se “escandalizar”, sem perceber que ela infunde coragem e fidelidade. A escuta pode ser real, porém pode de-
finhar pelo sufoco que vem das preocupações do mundo, da ilusão da riqueza e qual-
quer outro tipo de desejos (4,19). Todos estes fatores fragilizam a ação da palavra, tor-
nando-a infrutífera, ou seja, o evangelho passa para um segundo plano diante das preo-
cupações do ser humano.

Percebe-se, claramente, o espelho dos cristianismos originários nessa alegoria. Era uma profunda revisão comunitária. Não era fácil proclamar e testemunhar o Evan-
gelho.

A questão que foi colocada na genuína “parábola da semente” precisa ser reto-
mada agora: “quem é Jesus” no evangelho de Marcos? Para se aprofundar melhor esta
questão, em experiências cristãs, longe da Galiléia, talvez em Roma, Marcos cria uma
clara teologia em torno do drama de Jesus. Os cristãos, olhando para traz e olhando a
figura de Jesus, poderão clarear como enfrentarão as adversidades.

Na Palestina, após a varredura da Galiléia, foi a vez de Jerusalém ser destruída
(ano 70). Não existem mais referências geográficas e sagradas. O Templo e as Institui-
ções religioso-cultuais desapareceram.

Em Roma, os cristãos estão vendo de perto catástrofes político-militares. Em um
ano e meio, cinco imperadores experimentaram o trono imperial. Quatro foram assas-
sinados: Nero, Galba, Otônio e Vitélio. O poder está nas mãos de Vespasiano. Era uma
experiência de chumbo para todo o Império e, naturalmente, para os cristãos.

“Quem é Jesus?” Marcos procura, nos seus textos, mostrar por que o assassina-
ram. Já disse antes que as forças religiosas, econômicas, políticas se chocaram com ele
desde a Galiléia, a Decápolis até chegar a Jerusalém. Pois bem! Se olharmos todo o li-
vro de Marcos, percebemos que ele apresenta o cenário da luta escatológica entre
Deus e as forças do mal, personificado, segundo a mentalidade da época, em Satanás.
Essa luta iniciou-se nas tentações (1,12-13), continuando nas discussões com os ad-
versários e, especialmente, nos exorcismos, bem acentuados no Evangelho. Para se
compreender o assassinato de Jesus, é preciso olhar os poderes do mal. O apogeu do
drama de Jesus se dá em sua prisão, tortura e morte. Os representantes do mal, ou seja,
os inimigos de Deus calarão a voz do filho (12,1-12). No entanto, Marcos apresenta o
triunfo de Jesus (15,39 e 16,6-7). Ora, esse triunfo já tinha sido antecipado, quando fo-
ram narrados vários exorcismos (cf. 1,21-28; 5,1-20: região dos gerasenos; 9,14-29).

Ao dar exemplos de Jesus, Marcos parece estar olhando alguns anos antes, para
conseguir reanimar as comunidades da região de Roma, diante da força do mal nova-
mente experimentada.

A atualização, pela segunda vez, da parábola da semente, ao lado da preocupa-
ção teológica, tem nuances políticas e ideológicas importantes. 4,16 fala da presença
de “Satanás”. As comunidades marcanas não podem iludir os novos seguidores de Je-
sus. A presença do adversário é intrigante. Claro, se o Reino de Deus (1,15) continua

sendo anunciado, é evidente que as forças contrárias desta proposta agirão. Mc 4,17 fala de “tribulação” (*thlipsis*) e “perseguição” (*diogmós*), atributos inerentes à pessoa ou à comunidade que testemunha e anuncia o Reino de Deus. Os leitores de Marcos tinham que ver e entender, a partir do lugar que ocupavam na sociedade e das dificuldades em que se encontravam, para se comprometerem com Jesus e a continuação de sua missão. Ser perseguido e atribulado por causa do Reino de Deus era uma possibilidade que os seguidores de Jesus tinham que estar atentos para não desistirem. Assim como Jesus foi perseguido, agora pode acontecer o mesmo com os novos cristãos, em qualquer parte onde houver a proclamação do Reino de Deus. O seguimento ativo de Jesus para Jerusalém no caminho da cruz acontece também em Roma.

O texto alude também às preocupações (*merimnai*) do mundo e à ilusão da riqueza (*apate tou ploutou*) e todos os outros desejos (*epithymia*). O Evangelho de Marcos é uma crítica em relação aos valores do mundo, quando apresenta o sentido de “servir”. Essa constatação nessa alegoria do semeador (4,19) é respondida em 10,42-45 que acentua o seguinte: “Entre vós não deverá ser assim: ao contrário, aquele que dentre vós quiser ser grande, seja o vosso servidor, e aquele que quiser ser o primeiro dentre vós, seja o servo de todos...” (10,43-44). Parece que os discípulos tiveram esse impulso de grandeza. Jesus respondeu que, para superar esta característica de valor do mundo, dever-se-ia entrar na prática do “serviço” (9,36). Então, a tentação dos amigos de Jesus se repete mais tarde em Roma. A alegoria do semeador tem que responder a isso. Também os cristãos que não conviveram com Jesus precisam entender que o Reino proclamado mais tarde nas grandes cidades exigirá que cada um tenha disposição de dar sua vida pelos outros (caminho da cruz), como Jesus fez. Precisam compreender que a revelação vem daquele que foi livre e consciente para a cruz a fim de dar sua vida. Através da cruz, chegou à ressurreição.

A alegoria do semeador, ao final, traz um anúncio estimulante: os que escutam a Palavra, a recebem e dão fruto. Se o Evangelho é uma crítica a qualquer cristologia triunfalista ou criação de qualquer igreja também triunfalista²², por outro lado, é um estímulo àqueles que decidem, com consciência, caminhar com Jesus, reafirmando a fé.

Conclusão

Ao chegar ao final desta reflexão, quero reafirmar os três momentos da parábola da semente.

a) A genuína parábola (Mc 4,26-29) quis, no ambiente agrário-pastoril galileu-palestinense, proclamar a grande novidade do Reino de Deus. Este é um processo: está em crescimento, vai acontecendo e produz fruto. Ninguém sabe explicar a sua força misteriosa. Ele é de Deus. É um Reino transformador. Esta parábola quis ser um estímulo aos agricultores, pastores, mulheres, pescadores, etc., da Galiléia que estavam perdendo suas pequenas posses. Possivelmente, ela foi compreendida por um bom número de pessoas, porque foi ali no norte (Galiléia e região) que aconteceram os primeiros encontros de adesão comunitária a Jesus.

22. ALEGRE. X. *Marcos ou a correção de uma ideologia triunfalista*. B. Horizonte: CEBI, 1988, p. 19-23.

b) A primeira alegoria da semente (Mc 4,3-9), dirigida possivelmente a estrangeiros, aborda os diversos terrenos (beira do caminho, terreno pedregoso, moitas de espinhos e terra boa). Buscando uma inculturação, talvez ainda num mundo greco-romano agrícola (ainda não nas grandes cidades), procura responder a algumas dúvidas e críticas sobre a atividade e missão de Jesus, continuada nos pequenos grupos dos cristianismos originários. A alegoria procura dizer aos ouvintes que, apesar dos aparentes insucessos e adversidades, das suspeitas e dúvidas, Deus fará surgir um mundo novo (terra boa), porque a colheita será irresistível. Os ouvintes da alegoria precisarão ligar-se ao que foi a prática de Jesus para se sustentarem na busca do Reino.

c) A segunda alegoria (Mc 4,14-20), reatualizada em um ambiente mais tenso, provavelmente Roma, é o terceiro estágio da antiga parábola da semente. Aqui ela é relida no contexto de quem mora na grande cidade e não tem a experiência camponesa. A “semente” foi substituída por “palavra”. Porém, a alegoria não fica no significado grego de “*logos*”. Marcos a coloca além. Ela é Palavra de Deus. Não se esquecendo do anúncio do Reino, nessa alegoria, Marcos quer que os novos ouvintes cheguem à compreensão e adesão ao Reino, encontrando-se com a Palavra eficaz recebida na fé comunitária.

A partir da parábola e perpassando pelas duas alegorias, é importante que se percebam duas coisas: a) há uma nítida postura ideológico-política do Evangelho de Marcos, contida nesses três textos. Eles são subversivos. No símbolo da parábola e nas comparações continuadas das alegorias, as três perícopes propõem a desestabilização assimétrica nas suas respectivas sociedades; b) um apelo profundo à conversão voltada à missão do homem da Galiléia (serviço comunitário, experiência da partilha, espírito de fraternidade que desestabiliza as assimetrias) e para a fé crítica na práxis libertadora de Jesus. A conversão ao Reino de Deus (parábola) deve acontecer na proclamação da Palavra (alegorias) de Jesus.

Joel Antônio Ferreira
joelfer@cultura.com.br